

Cenografia da fé

Francisco José Alves*

Aldeamento de São Fidélis, de Clara Emília Monteiro. IPHAN. Rio de Janeiro. 1996. 144 págs.

É difícil escrever a história do Brasil sem remeter-se ao papel do clero na gênese da sociedade brasileira. As ordens religiosas deixaram marcas permanentes no corpo e na alma do Brasil. Muitos destes traços têm atravessado os quase cinco séculos da história da Terra Santa Cruz.

A historiografia do colonial tem destacado a atuação dos jesuítas como artífices da colonização. No entanto, não apenas os inicianos, contribuíram para implantação do projeto colonial. Franciscanos, capuchinhos, carmelitas e beneditinos foram outros protagonistas do drama da colonização.

Como é sabido, uma prática usual dos religiosos na catequese foi aldear os índios. É pois de um aldeamento dirigido por capuchinhos que trata o livro de Clara Emília Monteiro de Barros. O foco é uma análise iconológica de uma planta da aldeia de S. Fidélis, - interior do Rio de Janeiro, segunda metade do século XVIII.

Inicialmente a historiadora esclarece a opção metodológica: uma mistura de análise iconográfica, semiologia, história das mentalidades e etno-história. Creio que o livro é, fundamentalmente, um exemplo de etno-história ou antropologia histórica. É na companhia e apoio de Erwin Panofski, Michel Vovelle, Roland Barthes, Marcel Maus, Claude Levi-Straus que a autora realiza sua viagem metodológica. Em que pese a diversidade de aportes a historiadora opera uma boa síntese, pinçando dos autores o que se adequa a sua investigação sobre a aldeia de São Fidélis.

O livro está ordenado em três partes. Traz um conjunto iconográfico de doze documentos e mais três anexos.

"Histórico" - a parte inicial - sintetiza a história dos capuchinhos e, em seguida, contextualiza a fundação da aldeia de São Fidélis pelos capuchinhos Frei Angelo Maria de Lucca e Frei Vitório de Cambiasa. Por fim, apresenta os Puri Coroado - índios aldeados pelos erguidores do **Poverello**. O capítulo é, basicamente, uma apresentação dos personagens e do cenário do drama a ser tratado: a interação frades e indígenas do interior da aldeia.

"O palco: um espaço de poder" articula a aldeia à ordem social do ambiente, ou seja, o contexto onde se inseria o aldeamento capuchinho. Aqui a autora ressalta o papel da Contra-Reforma, o espírito barroco na constituição da aldeia enquanto cenário de catequese. Lembra a confluência de elementos históricos heteróclitos sintetizados na aldeia. Finalizando o capítulo, analisa a configuração espacial da aldeia: seus edifícios, técnicas de construção, material utilizado, estilo, simbolismo. As observações sobre este último tópico são das mais interessantes pois revelam a mentalidade vigente na época, naquele contexto específico.

Este capítulo traz em anexo dois documentos sobre a doação de terras a índios aldeados.

"As encenações: a transmissão do saber" trata do teatro como estratégia de catequeses usada pelos religiosos no trato com os índios. Depois de apresentar uma breve síntese da história do teatro ocidental, a historiadora delinea as características do teatro de catequese. Ainda neste capítulo, ela retorna à leitura do espaço da aldeia mostrando como espaço sacralizado, hierarquizado, teatral.

Concluindo o livro a autora lastima a predominância de uma his-

tória da arte factual e reitera sua opção por uma historiografia analítica, crítica e semiológica. E, voltando, a seu objeto de estudo, vê no traçado da aldeia de São Fidélis a realização de um modelo teatral de aglomeração colonial.

O livro que acabei de resumir representa um esforço importante de efetiva abordagem interdisciplinar. Buscando afastar-se de um aporte meramente descritivo (que infelizmente ainda predomina na historiografia da arte produzida no Brasil), a autora abre veredas metodológicas para renovação do campo.

O livro padece, entretanto, de alguns senões. Em primeiro lugar a disposição ou organização do conteúdo. Clara Emília, em algumas partes, apresenta verdadeiros resumos esquemáticos que não se incorporam ao fluir do texto. Este é o caso das páginas onde ela faz uma síntese dos "sistemas construtivos coloniais no Brasil" (p.61-67).

As informações poderiam ser "dissolvidas" no decorrer do texto. O mesmo ocorre quando oferece uma "terminologia capuchina" (p.28-29). Tal glossário ficaria melhor situado numa apêndice para não quebrar o fluxo textual.

Por outro lado, alguns documentos da "Iconografia" não trazem referências completas da sua procedência. Exs: no. 1, 3, 11. Fica-se também sem entender a razão do uso de notas de pé e mais as do fim do livro. Por que não usar um único sistema?

Aldeamento de São Fidélis vem contribuir nos estudos sobre a catequese no Brasil colonial. Sua leitura é indicada a historiadores, antropológicos e demais cientistas sociais.

Francisco José Alves é professor de Teoria, Metodologia e Historiografia Brasileira no Departamento de História da UFS.